O PERÍODO FORMATIVO DO DOCOMOMO BRASIL

relato de uma experiência pessoal

Ângela West Pedrão

*Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Território Ambiente e Sociedade da Universidade (PPGTAS) Católica do Salvador,
angela.pedrao@ucsal.edu.br*

Coordenadora geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 1997-1998

Em perspectiva, meu interesse e motivação em participar no recém formado DOCOMOMO Brasil se deu pelas questões teóricas postas por esta iniciativa, que me pareceu de certa forma inusitada. Para a então jovem egressa da graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFBA que havia participado como estagiária em pesquisa da história urbana da cidade colonial do Salvador, na Bahia, a noção de que alguns dos edifícios e conjuntos urbanos que haviam sido responsáveis pela transformação abrupta, sem dúvida deliberada, e às vezes até violenta desta cidade, agora necessitavam de um olhar de apreço e cuidado, assim como de ações que pudessem garantir sua permanência, era original. Como estudante do mestrado da mesma universidade, as elucubrações estruturantes postas pela questões teóricas levantadas sobre o moderno não constavam na minha experiência pessoal como história, mas como parte formativa e indelével da minha pessoa e da minha identidade profissional. Se tratava de pensar o moderno como "velho".

Achei fascinante o problema de se manter, preservar a arquitetura moderna, que foi em sua origem elaborada para pertencer ao seu momento histórico, para incorporar as funções necessárias de seu tempo, e de continuar existindo enquanto fosse útil. Com a criação do DOCOMOMO a existência da arquitetura moderna então não pertence mais a sua razão de ser, mas passa a ser contida dentro de um novo contexto que reavalia sua natureza determinando parâmetros de existência para sua permanência. Sempre me pareceu exata a afirmação de Wessel de Jonge, que comparava o se conservar da arquitetura moderna com a tentativa de se manter um copo descartável. A intenção daquele objeto presumivelmente se esgotaria no imediatismo de seu uso. Dito isto, hoje é claro temos uma visão imbuída do sentido de responsabilidade da arquitetura pelo consumo de meios e materiais para seu vir a ser. Exatamente desta forma se renova o contexto dentro do qual o meio construído existe.

O moderno traz embutida também a reafirmação do regular, ou do mundano, como valor. A possibilidade da repetição, modularidade e de conjunto como riqueza, em contraposição a excepcionalidade do individual. Estas são questões que entram em atrito com preceitos considerados clássicos até então na conservação e nas políticas de preservação por organismos de referência internacionais, que sem dúvida contribuíram para moldar políticas de preservação no âmbito doméstico de inúmeras nações. Esta vertente não é nova, mas sem dúvida a questão do

moderno traz a revisão destes princípios com urgência. Iniciativas estas que implicam também na determinação e destino de fundos para o suporte de campanhas de conscientização e de preservação dos monumentos modernos. Um dos eventos que me pareceu singular nos vários anos de apoio ao DOCOMOMO, e não me recordo em qual ano isso ocorreu, foi uma entrevista que dei para uma revista dedicada ao leitor estudantil de nível secundário. O tema suscitou curiosidade, e era apresentado como uma pauta futura do candidato à arquitetura. Na outra ponta desta experiência estiveram as primeiras campanhas em que participamos. Em alguns casos se tratava da informação, da educação e do esclarecimento público sobre aquelas obras existentes na cidade. Contribuições estas que se deram através de cartas, jornais e publicações acadêmicas.

Por meio destas iniciativas o DOCOMOMO começou a se tornar um nome reconhecido. No caso de campanhas de alertas (sobre demolição iminente), da necessidade de preservação e conservação de edifícios existia o apoio do escritório internacional, o nacional e de forma decisiva os grupos locais que traziam as pautas a se prestar atenção. Este trabalho coordenado trouxe peso e visibilidade ao grupo, não somente no Brasil como em outros países, e a apreensão desta capacidade de agir e reagir em conjunto foi benéfica a consolidação da entidade.

Minha entrada no DOCOMOMO Brasil se deu através do convite gentil de Anna Beatriz Galvão, que era pesquisadora do então Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Até efetivamente o ano 2000 fiz parte ativa do grupo. Durante um período presidi como coordenadora o DOCOMOMO Brasil, mas o fato é que sempre nos movemos em equipe, em conjunto. Em certo momento tivemos tantas responsabilidades que meu mestrado ficou em segundo lugar, e esta atividade nunca deixou de ser voluntária. O edifício onde o núcleo estava localizado era um anexo projetado por Lelé (João Filgueira Lima), ao conjunto de principal de edifícios projetado por Diógenes Rebouças. Nossa instrução diária se dava dentro de espaços pensados por mestres da arquitetura moderna, de Salvador. A escola contava então com um seleto grupo de professores que discutiam a questão da preservação da arquitetura com erudição, dedicação e desenvoltura. A experiência internacional era colocada em contraposição a nossa vivência da cidade, desenvolvendo um pensamento crítico sobre suas riquezas, suas dificuldades, potencialidades e impossibilidades.

A ideia mirabolante de Anna Beatriz de trazer a sede brasileira para Salvador do totalmente desconhecido DOCOMOMO encontrou imediato entusiasmo e apoio. A coordenação concordou em que eu pudesse dedicar algumas de minhas horas como estudante para prestar apoio, no que então se configurava como o início da catalogação da arquitetura moderna em Salvador e no Brasil (o famoso Register), que tinha como principal objetivo a defesa da inclusão da categoria do patrimônio moderno pela UNESCO.

A diretora do mestrado era Ana Fernandez, que disponibilizou recursos da escola na forma do apoio de funcionários, do espaço, uma sala para nosso

uso, e quando o momento se apresentou, também um computador. Os primeiros documentos foram redigidos com máquina de escrever, e alguns documentos tiveram um original em papel. Muitas contribuições dentro do território nacional se deram pelo envio de documentos e de fotografias via correio de superfície. Um sem número de comunicações se deram por fax (ao qual eu devia pedir acesso na diretoria em certos horários). É importante acrescentar estes dados para entender como a dinâmica de se costurar uma rede de pesquisadores no país, e da comunicação destes com as instâncias internacionais, tinham um tempo diferente.

Este longo processo da elaboração do inventário contou com um cuidadoso e delicado processo de criação de uma rede de pesquisadores para contribuir nesta empreitada liderado por Anna Beatriz, e eu como fiel escudeira. No Brasil, sempre estive em constante contato com Hugo Segawa e Mirthes Baffi, que sempre deram suporte incondicional desde São Paulo. São inúmeros os nomes que deixo de mencionar, mas estes são os que permitiram que eu pudesse levar a frente as tarefas que se apresentavam continuamente. Este apoio que encontrei se concretizou nos encontros nacionais e nas contribuições internacionais que fizemos. Participei de algumas publicações, organizei seminários e fiz participações no Brasil e em conferências internacionais. Desenvolvi em co-autoria com Anna Beatriz "The Brise-Soleil in Brasil" no Journal 13, um trabalho muito interessante que inclusive contribuiu para uma melhor compreensão e aprofundamento na elaboração do inventário brasileiro. Também pesquisei particularmente a Escola Parque de Diógenes Rebouças, em Salvador, o que resultou em uma apresentação e publicação do trabalho na Revista RUA. sobre a Escola Parque em Salvador.

Devíamos preparar comunicações sobre as atividades do DOCOMOMO Brasil, e então com os ISCs (International Specialists Committees) em formação, apresentar também o avanço na organização destas instâncias, e seus produtos. O inventário (ou o "Register") se movia através do estabelecimento de objetivos precisos, a partir de um formulário pré-estabelecido e com prazos bem definidos. A estrutura de trabalho tinha uma espinha dorsal que não precisava de muita atenção, portanto o esforço se concentrava na conclusão das tarefas e etapas. O sentido de realização era palpável, e a dinâmica híbrida das relações interpessoais e interinstitucionais ganhou desenvoltura. Para os eventos internacionais o Journal, a publicação semestral com temas propostos, permitia o planejamento de pesquisa, discussão e inclusão de tópicos brasileiros relativos a este, numa perspectiva internacional. Junto a estes Journals havia que redigir textos para os "Bulletins", que eram breves comentários das atividades sendo desenvolvidas. Houveram algumas mudanças de formatos. Viemos a adotar também um Boletim nosso para distribuição nacional mais detalhado quanto às atividades de pesquisa levados a cabo, e eventualmente incorporando campanhas. Foi surpreendente ver como foram se formando representações locais e até com critérios próprios, alguns com recortes específicos como foi o caso da representação no Vale do Paraíba em São Paulo.

Uma de nossas principais referências foi o catálogo "Brazil Builds" de Philip Goodwin. Uma espécie de cristalização notória da experiência moderna brasileira editada pelo MOMA para a exposição do mesmo nome de 1943 em Nova Iorque. Tínhamos total e absoluta consciência que assim como o livro de Yves Bruand, o célebre "Arquitetura Contemporânea no Brasil" de 1981, se tratava de uma visão ainda que muito bem educada; externa. E sabíamos que nosso trabalho deveria dar apoio ao surgimento de vozes brasileiras para descrever e elaborar sobre a arquitetura moderna, dentro da realidade brasileira e nos termos estabelecidos por brasileiros.

Um dia ao me debruçar mais detidamente sobre o Brazil Builds percebi para minha surpresa os agradecimentos a Antonio Baltar, um jovem que havia sido uma espécie de guia e motorista para Goodwin. O nome, confirmei depois, se tratava mesmo de um velho amigo da minha família. Vim saber que residia então em Pernambuco. Estava então em curso a organização do do II Seminário DOCOMOMO Brasil. Consegui entrar em contato com ele e formalizar o convite para participar deste. Apesar da idade avançada e dificuldade de locomoção, para nossa alegria, aceitou vir a Salvador. Junto com Carmen Portinho na mesa, e Walter Gordilho, nos deram o privilégio de ouvir a experiência pessoal destes expoentes, constituindo este um momento singular naquele seminário. Particularmente a vivacidade e entusiasmo de Portinho relatando sua experiência pós-guerra na Inglaterra e depois do Brasil, então com 92 anos ressoou profundamente.

As informações percebidas na formação do arquiteto naquela escola projetada por Diógenes Rebouças incluíam as ladeiras coloniais com a Casa do Benin de Lina Bo Bardi. Tive a oportunidade de visitar as obras de Bardi junto com o arquiteto Aldo Van Eyck que com sua esposa estiveram em Salvador especificamente interessado em ver este trabalho. Ainda através do DOCOMOMO se formalizaram outras visitas e conexões de arquitetos. Um grupo organizado pelo arquiteto holandês Paul Meurs, uma figura central na concretização do DOCOMOMO no Brasil, composto exclusivamente por arquitetos, urbanistas e paisagistas holandeses, veio pesquisar o desenvolvimento da arquitetura de torres no Brasil, e parte significativa deste passeio foi dedicado a conhecer a arquitetura de Salvador, e mais especificamente o trabalho de Lelé (João Filgueiras Lima).

A pequena e potente equipe do DOCOMOMO Brasil na Bahia contava também com o apoio da arquiteta Naia Alban, que alguns anos depois veio a ser diretora da mesma escola. Outra colaboradora de peso foi a arquiteta Olivia Oliveira, presente enquanto preparava seu celebrado livro editado pela 2G "Lina Bo Bardi, Obra Construída". Outros professores na escola que avançavam esta discussão eram Marco Aurélio Gomes, que junto com Ana Fernandez desenvolveram um grupo de especialistas (ISC) dedicado ao urbanismo moderno no DOCOMOMO. Dentro das influências formativas naquele momento se encontra o Centro Cultural Dannemann em São Félix, Bahia pelo Professor Arquiteto Paulo Ormino. O projeto impressionou pela sua capacidade de reerguer o edifício ao seu contexto, atestando sua origem, mas apontando também a variedade de conexões culturais. Parte

da discussão que se fez presente então era de que maneira a modernidade influenciava na intervenção do conjunto colonial de Salvador. Se encontrava em curso então um amplo projeto no Centro Histórico de Salvador, com interferências pesadas na reorganização de seu espaço e estetização das fachadas para fins turísticos.

Percebo hoje como uma atitude inaugural e visionária a decisão da inclusão de indivíduos e grupos sem distinção institucional, mantendo o critério de interesse por este trabalho como denominador comum. Apesar de a maioria dos pesquisadores serem de origem acadêmica, alguns vieram colaborar por interesse pessoal na causa. Eventualmente, possivelmente o marco foi a Conferência Internacional em Brasília, o DOCOMOMO Brasil se tornou uma entidade reconhecida, respeitada e até disputada no Brasil. Para aqueles interessados e atuantes nos rumos da arquitetura no Brasil, a importância do DOCOMOMO Brasil deixou de se limitar ao contexto do moderno. Possivelmente em razão da arquitetura moderna ser tão representativa da nossa identidade arquitetônica, a rede formada de especialistas profissionais e amadores se tornou referência no universo do pensamento da arquitetura brasileira.